

A cidade em movimento: histórias e memórias na imprensa e nas falas

Eber Mariano Teixeira*

Resumo: Na busca de compreender os modos culturais de viver na cidade e trabalhar no campo, este artigo tem como objetivo refletir sobre as experiências sociais vividas pelos trabalhadores migrantes na cidade de General Salgado. Na interlocução com as políticas públicas e empresariais da cidade/região é possível visualizar nos registros dos jornais algumas preocupações da comunidade local com o fluxo migratório para cidade em dimensões mais amplas do processo histórico. Ao desvendar o processo migratório no prisma dos próprios trabalhadores, torna-se possível perceber a existência de outros projetos, significações e vivências em torno da migração, e perceber também a intervenção que os trabalhadores produzem nesse novo espaço físico-social da cidade.

Palavras-chave: Cidade. Migrações. Trabalhadores. Imprensa. História oral.

Abstract: In the search to understand the cultural ways of living in the city and working in the field, this article has as objective to reflect on the social experiences lived by the migrantes workers in the city of General Salgado. In the interlocution with the public and enterprise politics of the city/region is possible to visualize in the registers of periodicals some concerns of the local community with the migratory flow for city in ampler dimensions of the historical process. When unmasking the migratory process in the prism of the proper workers, becomes possible to perceive the existence of other projects and experiences around the migration, and to also perceive the intervention that the workers produce in this new physicist-social space of the city.

Key-words: City. Migrations. Workers. The press. Oral history.

A cidade...

A cidade de General Salgado está localizada no interior e na região Noroeste do Estado de São Paulo, adjacente a rodovia Feliciano Sales Cunha, na altura do km 545. Considerada cidade de pequeno porte, conta atualmente com uma população de 11.053 habitantes¹ e, embora sua economia seja baseada na agricultura e pecuária, tem como principal atividade a agroindústria canavieira.

¹ Estes dados são do último censo do IBGE, feito em 2004, mas pelo número de trabalhadores cortadores de cana na cidade, estima-se, que a cidade possui hoje aproximadamente 13 mil habitantes segundo a Prefeitura Municipal.

Na década de 1980 a cidade recebeu um projeto empresarial: A Usina Generalco², instalada no município em pleno período da Ditadura Militar por um grupo de acionistas – empresários/empreendedores, políticos locais e fazendeiros da região.

É interessante percebermos como as conotações da empresa na cidade atraem trabalhadores do campo, trabalhadores da região nordeste por meio das empreiteiras e de parentes, amigos, trabalhadores de cidades vizinhas; enfim: a Usina representou perspectivas de presente-futuro na luta por melhores condições de vida e trabalho, para aqueles que foram se constituindo na cidade.

Esse foi um processo vivido por muitos trabalhadores rurais, conforme se verifica na tabela: a população do Município, em 1970 a 1980 e pós a implantação da Usina Generalco e o surto do êxodo rural na região pertencente à cidade.

Tabela 1. Demografia – População de General Salgado

	1970	1980	1991	2000
População Rural	13.121	6.948	3.839	2.075
População Urbana	3.470	4.568	9.572	8.749
Total	16.591	11.516	13.411	10.824

Fonte: IBGE. Censo demográfico (ano de referência 2000).

Entre as décadas de 1980 e 1990, é possível constatar que houve um aumento acentuado da população na cidade, que passou de 4.568 habitantes para 9.572 habitantes e, respectivamente, um decréscimo demográfico na população rural, a partir da década de 1980, coincidindo com a implantação da Usina e, posteriormente no mesmo período, foram vinculados vários projetos municipais com objetivos de construir casas populares na cidade.

Conforme a mensagem proferida pelo prefeito Norival Cabrera Rodero no projeto de lei nº 42/82³, o prefeito procurou salientar que o projeto visava “à construção de casas populares nesta cidade, para atender a crescente necessidade de casas, no caso popular”. A partir desse projeto do executivo encaminhado ao poder legislativo da cidade, é possível acompanharmos o aumento populacional e a demanda por novas casas que foram construídas no município. A construção de vários Conjuntos Habitacionais na cidade no final da década

² Quando implantaram a Usina denominava-se Generalco e pertencia a um grupo de acionistas empresários da cidade e fazendeiros da região. Atualmente a Usina foi comprada por um outro grupo empreendedor da área, situados na região de Araçatuba: Grupo Aralco.

³ PROJETO DE LEI Nº. 42/82: “[...] autoriza a Prefeitura Municipal assumir obrigações em contratos de financiamentos para construção de unidades habitacionais populares no Município, perante o Banco Nacional de Habitação, a Caixa Econômica Federal e/ou outros órgãos de financiadores autorizados a operar no sistema Financeiro de Habitação, e a firmar convênios e termos que objetivem a execução das construções com a companhia regional de Habitações e Interesse Social – CRHIS, órgão integrante dos sistemas financeiro da Habitação, na qualidade de agente financeiro ao qual foi votado e aprovado constava e/ou agente promotor e/ou agente para atividades complementares.” O projetado foi votado e virou Lei.

de 1980 indica um aumento significativo dos trabalhadores do campo que vieram para o corte-de-cana na cidade e também em outros postos de trabalho.

Compreendendo a cidade em sua produção histórica, permeada por relações de poder, de dominação, de resistência e de manifestações reveladas nas heterogêneas e contraditórias expressões da cultura urbana vivida pelos sujeitos em seu cotidiano, evidencia-se então a cidade como lugar onde “acumula-se uma grande soma de experiências históricas”. (RONCAYOLO, 1986 p. 396).

Segundo a historiadora Yvone Avelino (2008):

A cidade contemporânea é uma invenção do homem, é como um espelho que conseguiu refletir as desigualdades sociais, as grandes injustiças que se observam na urbe. Mazelas, exclusões, desigualdades, contrastes e violências. As cidades apresentam-se como expressões da cultura em suas múltiplas facetas [...]. Para entendê-las, faz-se necessário decodificar as imagens que emergiram das diversas formas de linguagem, que expressavam o seu conteúdo, e que vão nos dar o norte para interpretá-las na sua arquitetura, nos sinais de trânsito, nos seus monumentos, nas suas políticas públicas, e nas diferentes marcas de suas múltiplas identidades, no tempo e no espaço (AVELINO, 2008, p. 2).

É possível compreender como as mudanças operaram na estrutura social e econômica da cidade; como as políticas públicas/empresariais foram incidindo sobre os trabalhadores desde a década de 1980; como estes se articularam, recriando/criando expectativas e atribuindo significados às experiências vividas nas relações de trabalho no corte-de-cana e nos modos de viver, organizar a sobrevivência no campo e na cidade.

Nesta perspectiva, as reflexões da obra de Antônio Augusto Arantes (2000) auxiliam a compreender como as lutas por direitos, situados no tempo/espaço da cidade, apontam a complexidade e pluralidade do conflito e das relações sociais a partir dos próprios elementos que o compõem no âmbito da cultura. As histórias que se desenrolam indicam as modulações da vida urbana e suas inflexões, fissuras, tensões, embates e possibilidades que incluem, como diz o autor, “o direito de construir e reordenar as diferenças, identidades e identificações: o direito a mudar, a rejeitar ou a reinventar tradições.” (ARANTES NETO, 2000, p. 139).

A cidade que se quer e a cidade que se têm...

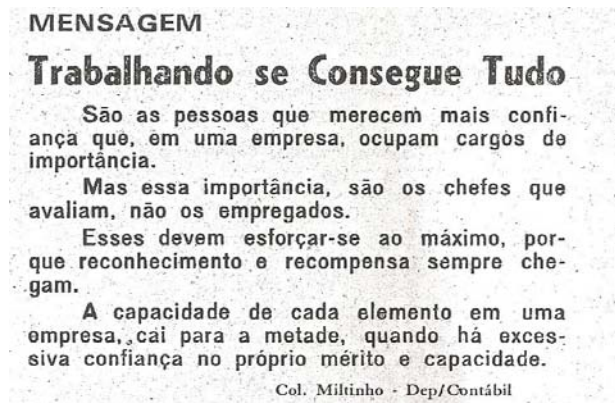
A cidade de General Salgado passou por transformações⁴ com a implantação da Usina Generalco em 1982. Com a empresa em funcionamento nesse período, a divulgação das relações de trabalho, as normatizações, e outras arregimentações sobre o trabalho do corte-de-

⁴ As transformações e a (re)ordenação dos espaços na cidade foram se constituindo com a presença dos trabalhadores cortadores-de-cana.

www.pucsp.br/revistacordis

cana ganharam contornos nas páginas do boletim informativo da Generalco (BOING). Na editoração deste boletim a responsabilidade era do Departamento de Assistência Social da Empresa. O redator responsável pelo boletim foi João Carlos Lopes, conhecido na cidade como “Careca”, era funcionário interno da empresa desde sua implantação na cidade, e na revisão dos textos o professor de Português Wanderley Pacheco. Os textos poderiam vir de colaboradores como segue abaixo, a mensagem escrita por Miltinho, chefe do Departamento de Contabilidade da empresa:

Imagem 1. Mensagem escrita pelo funcionário da empresa



Fonte: Boletim informativo da Generalco BOING, out., 1985.

Nas páginas do boletim informativo da Generalco a exaltação do trabalho, a propagação das normatizações e hierarquias patrão – empregado foram estabelecidas na agenda pública da empresa e na cidade. Fazia parte dessa nova tradição afirmar de forma ostensiva que a cidade de General Salgado se firmava como uma potência no cenário regional, com a Usina Generalco.

Imagem 2. Capa do boletim informativo da Generalco

Nota-se o tema que elencavam como projeto da empresa na cidade.



Fonte: Boletim informativo da Generalco BOING, out., 1985.

www.pucsp.br/revistacordis

Imagem 3. Visita a indústria



Fonte: Boletim informativo da Generalco BOING, out., 1985.

Imagem 4. Logotipo da empresa que se institui como potencia regional



Fonte: Boletim informativo da Generalco BOING, out., 1985.

É possível encontrar vestígios dos trabalhadores cortadores-de-cana nas páginas deste boletim pelo grande número de visitantes às dependências da Destilaria Generalco logo nos primeiros anos de seu funcionamento. A empresa tornou-se um cartão de visita para os moradores/trabalhadores da cidade e da região. Os ônibus rurais que na semana levavam os trabalhadores cortadores-de-cana para o canavial, aos sábados, faziam o trajeto cidade/indústria para a população conhecer a empresa e o processo de industrialização do álcool. Porém, nas poucas publicações do boletim veiculadas na empresa e na cidade, nenhuma matéria enuncia os trabalhadores cortadores-de-cana como integrantes da empresa na cidade.

Os trabalhadores cortadores-de-cana não são reconhecidos como constituintes desse processo produtivo, à medida que não aparecem e não são relacionados em nenhuma citação desse impresso que circulava na cidade e na região. Nas edições veiculadas por este boletim, apenas os funcionários internos, chefes, gerentes, gestores, e outros departamentos, são destacados e assumem as conotações da construção da memória da empresa na cidade. Ao

difundir seu progresso, é interessante notarmos como a Usina elencou temas construindo seu projeto sobre o álcool interpondo na relação passado-presente-futuro seu lema: “ALCOOL, a incerteza de ontem, realidade de hoje, solução de amanhã”, tema alardeado na cidade na década de 1980.

No jornal local do município denominado O Jornal de General Salgado, veiculado na década de 1980, é interessante perceber as intervenções do grupo de empresários, pecuaristas e políticos locais que legitimava, via periódico, suas formas de agir, de pensar, instituindo diferentes projetos nas esferas da vida social, cultural e econômica da cidade.

Os projetos de cidade, visualizados na imprensa local, foram pensados e colocados em prática de acordo com os interesses do grupo de empresários, usineiros e políticos locais.

Essa visão sobre a cidade de General Salgado como “potência regional”, a partir da Usina Generalco, foi complementada com a construção de novos circuitos na cidade, como conjuntos habitacionais, hospital, escolas, bairros, creches, associações, bancos, etc.

A Revista Visão Regional veiculou na cidade em 1983 um editorial em que é possível acompanhar as construções das obras públicas implantadas na cidade pelo então prefeito Norival Cabrera. As transformações da cidade foram propagandeadas pela administração municipal no sentido de afirmar e legitimar que a cidade apresentava melhores condições de vida para seus moradores – trabalhadores – diante as cidades circunvizinhas.

Imagem 5. Capa da Revista Visão Regional, veiculada na cidade no final da década de 1980



Nota-se, na imagem acima, que a publicação da Revista Visão Regional contou com a tecnologia pioneira de produção e impressão colorida. Ao indagar sobre as formas de produção e distribuição da revista na cidade, percebe-se que, em suas páginas, mostrou as obras/construções públicas utilizando-se de fotografias coloridas. Essas opções de produção/reprodução não foram uma construção meramente técnica, pois a revista foi impressa e distribuída gratuitamente para os moradores da cidade. Isso leva a pensar a intencionalidade do grupo produtor, dos redatores e colaboradores enquanto força social na cidade. Articulados com a administração local, o periódico procurou mostrar as principais obras públicas construídas em General Salgado.

O projeto político da revista enaltece as “conquistas da modernidade” ao dar visibilidade às principais obras e serviços públicos da cidade. A revista procurou legitimar a construção de uma cidade que se queria naquele momento “moderna” e, com isso, apagar o seu passado rural. Na capa da revista é possível visualizar: Os 3 trevos de acesso da SP 310 à General Salgado, prédios das agências da Caixa Econômica Federal e Estadual, bancos do Brasil e do estado, o casal Ivani e Norival Cabrera Rodero, trevo da Praça Irene Costa, Paço Municipal, biblioteca, Fonte luminosa e a Igreja Nossa Senhora das Dores e a E.E.P.G de General Salgado.

O editorial da revista trouxe à tona a mensagem proferida pelo então prefeito da cidade Norival Cabrera. Em suas palavras:

Enfocar numa revista tudo o que realizamos durante 6 anos, corresponde a 2.190 dias ou 52.560 horas como prefeito de GENERAL SALGADO, seria utopia. No entanto, resumidamente, por uma questão pessoal, obrigação particular acima de tudo, desejo fazer uma prestação de contas da minha administração ao nosso povo, embora sucintamente, transmitir algumas informações do que realizamos em benefício dessa querida comunidade, c/a qual divido todas as vitórias alcançadas como chefe do poder executivo Salgadense (REVISTA VISÃO REGIONAL, 1983, p. 2).

A construção da cidade e seus diversos circuitos deram-se pela necessidade do poder público e do empresariado local, de formular seus projetos e legitimá-los com suas práticas, de acordo com seus interesses de classe.

Essa proposta expressava novas práticas de produção, de comércio e de consumo para a cidade. As construções de serviços públicos e infra-estrutura colocaram em disputa o processo de constituição da paisagem urbana e gerou uma contínua tensão nos modos de vida da população local.

A cidade vista no plural revela muitas vezes uma tentativa do poder público, aliado aos interesses de grupos dominantes de segregar espaços carregados de experiências dos

trabalhadores. Esses foram e vão se constituindo em novos bairros, criando circuitos e (re)ordenando os espaços. Há uma intervenção direta nos modos de ser e viver destes sujeitos que são avaliados pelo poder público, que legitimam discursos e práticas excludentes.

As (re)ordenações desses espaços na cidade de General Salgado e a disputa por lugares no trabalho é vista pelo trabalhador Nelson da seguinte maneira:

É que nem eu falo, veio a Usina pra cidade, aí todo mundo saiu das fazendas, dos sitio na época e veio pra cidade, pra trabalhar na Usina. Aí lotou aqui Salgado, construiu essas Cohab aí, vim morar na Cohab invadida, que a cidade só tem Cohab né?! [...] E aí veio os trabalhadores de fora, continuam chegando aqui, todo ano vem mais! [...] então assim, a Usina foi bom, por um lado, não posso reclamar, mas por outro, ficou ruim se pensar, porque fizeram outro loteamento aí na cidade, tá crescendo, já demora pra atender lá no postinho de saúde, vai lá pra você ver! Então eu penso assim, tá vindo muita gente de fora pra cá! (ENTREVISTA: cortador-de-Cana Nelson, 2008).

O viver no campo desencantou e transpareceu inseguranças e incertezas aos olhos do trabalhador. A cidade tornou-se um centro atrativo com a implantação da Usina Generalco e nasceu, para esse trabalhador, como aquela que lhe ofereceria muitas oportunidades. Esse trabalhador iniciou sua vida em General Salgado a partir da luta para conseguir um lugar para morar com sua família. No início da década de 1990, Nelson e outros moradores da cidade ocuparam a Cohab Orlando Gabriel. As casas foram construídas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU). Os impasses – e a demora para o sorteio das casas –, fizeram com que muitas famílias de trabalhadores ocupassem o Conjunto Habitacional que estava pronto para morar. Nelson aponta a demanda crescente de população do campo e de outras regiões que se constituíram na cidade. Essa demanda de trabalhadores, que vem para o corte-de-cana, exige maior infra-estrutura dos serviços públicos oferecidos na cidade, tanto para “os daqui”, quanto para “os de fora”.

O viver na cidade é o resultado das relações que se dão entre estes trabalhadores “de fora” e “os daqui”, demonstrando as tensões, contradições e a diversidade de interesses e valores que eles possuem, afirmando, assim, que são relações complexas e não um mero transitar de indivíduos.

Para os cortadores-de-cana que vem de “fora”, no período de safra, as dificuldades na conformação da cidade aumentam. Esses trabalhadores não possuem casa própria e precisam pagar aluguel, água, luz e outras despesas. A demanda crescente por casa e trabalho na cidade vem aumentando nos últimos anos, gerando tensão entre trabalhadores e moradores da cidade.

Ao chegar à cidade de General Salgado, Euberli enunciou as dificuldades que encontrou nos primeiros meses.

www.pucsp.br/revistacordis

Eber: você está aqui desde quando? Ah! já vai fazer uns cinco meses que tamô aqui, nós saímos dia 4 de maio. **Eber: é a primeira vez que você vem pra cá?** É, pelo menos aqui em Salgado é a primeira vez, agora eles já veio, **Eber: e a cidade aqui?** A cidade é boa, a cidade não é ruim não, o que mata aqui mesmo é sobre aluguel né?! Aluguel aqui é muito caro, a gente paga aqui nessa casa 250 reais, e água e energia aqui vem muito caro! (ENTREVISTA: cortador-de-cana Euberli, 2009).

Se a cidade e o trabalho no corte-de-cana representaram, por certo momento, expectativas e certezas para viver e morar bem na cidade, o desencanto e a insegurança começaram a delinear as experiências destes trabalhadores em General Salgado. Euberli mora numa casa de três cômodos com mais quatro trabalhadores, dentre eles Chicão, Zezé e sua filha. Esse grupo de trabalhadores mora junto e divide os gastos. No entanto, o custo para pagar aluguel e manter as despesas da casa não equivale ao salário que ganham no trabalho.

As relações sociais não são fixas, estáticas e mudas, pelo contrário, elas surgem de um diálogo e ganham força nas expressões desses trabalhadores cortadores-de-cana na cidade.

Em suas maneiras de falar, de vestir é possível perceber suas atuações e intervenções nos diferentes espaços da cidade. Suas memórias surgem enquanto expressões de opções de vida individuais, bem como experiências inseridas e constituídas dentro de um quadro social mais amplo e complexo de suas culturas.

Parece que a intolerância daqueles “do lugar” é uma forma de autodefesa, de procurar deixar o outro à distância para que os “de fora” não venham lhe ocupar o espaço, seja no corte de cana, ou mesmo no supermercado com o aumento dos preços dos alimentos, o preço do aluguel e outros serviços e atividades na cidade (CARMO, 2009, p. 52).

A distinção entre “os daqui” e “os de fora” se inicia pela constituição física, marcadas pela especificidade do tom da pele, estatura, características dos cabelos, sotaques pronúncias e formas de expressão diferenciadas que os distinguem entre si e dos moradores locais.

Tomar como referência os problemas sociais atuais, entendendo-os como parte constitutiva desse processo desenfreado da implantação de Usinas na região, leva a suscitar que estes trabalhadores cortadores-de-cana vêm em busca de trabalho no período de entressafra das pequenas cidades do noroeste do Estado de São Paulo. Eles representam novas demandas ao poder público. Os postos de saúde recebem maior número de trabalhadores fazendo consultas, as escolas recebem novos alunos matriculados, o comércio e a economia local são aquecidos com contingente maior de trabalhadores consumindo nas cidades. Essas questões têm configurado embates entre os trabalhadores cortadores-de-cana nas cidades, os moradores, o poder local, os empresários e a administração pública.

Quando se tratou deste problema nas cidades do interior do Estado de São Paulo, tensões, projetos e embates se enunciaram e se configuraram nas páginas do Jornal Diário da Região, nos últimos anos, com muita expressividade.

A matéria publicada no dia 9 de janeiro de 2007, no jornal Diário da Região, expressou incômodos causados pelo afluxo de trabalhadores nas cidades do noroeste paulista.

Com o título: “Prefeitos declaram ‘guerra’ aos migrantes”, o jornal é porta voz de problemas enfrentados pela administração pública:

Prefeitos da região de Rio Preto declararam guerra aos migrantes que vêm para as cidades produtoras de cana-de-açúcar em busca de emprego no período da safra. A principal reclamação dos prefeitos é que essa população flutuante sobrecarrega os serviços públicos, principalmente os da Saúde. Para evitar o colapso no atendimento e o endividamento dos municípios, a Associação dos Municípios da Araraquarense (AMA) está promovendo um levantamento entre as 120 cidades filiadas para traçar o perfil e a população dos migrantes. O objetivo será cobrar, tanto do governo estadual como dos usineiros, a conta dos serviços prestados aos trabalhadores itinerantes. Em algumas cidades, a população migrante que busca serviço na cana ultrapassa cinco mil pessoas no período de safra. Impossibilitados de colocar “porteiras” nos municípios e impedir a entrada dos trabalhadores, os prefeitos querem mais verbas para resolver o problema. (JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO, 2007).

Os trabalhadores cortadores-de-cana, que integram esse processo desenfreado da agroindústria canavieira, não só disputam lugares com os moradores no trabalho e na cidade, como representam novas demandas à administração pública quanto a saúde, educação, moradia, abastecimento, transporte, etc.

No referido noticiário, os prefeitos da região (incluindo a cidade de General Salgado) declararam “guerra” aos trabalhadores cortadores-de-cana. Segundo eles, os trabalhadores denominados como os “de fora” sobrecarregam o serviço público dirigido à população local e aos trabalhadores que se constituíram há alguns anos na cidade, com a família, os quais se reconhecem como “os daqui”, sentindo-se privilegiados com os benefícios e serviços públicos. Nesta perspectiva, os trabalhadores cortadores-de-cana sazonais são vistos como “invasores” nos municípios da região.

De acordo com o editorial do jornal publicado no dia 8 de fevereiro de 2007, é:

Oportuna a atitude da Associação dos Municípios da Araraquarense (AMA) de elaborar um censo para medir e traçar um perfil dos migrantes que chegam às cidades da região durante o período de safra da cana-de-açúcar. Trata-se de planejamento urbano. O crescimento populacional chega a 18% em alguns municípios na época de corte da cana. A vinda dos migrantes aumenta, conseqüentemente, os gastos das prefeituras com Educação, Saúde e Habitação. É uma questão matemática. Torna-se não só necessário mas obrigatório um levantamento detalhado do impacto desta população

flutuante nos serviços municipais, sobretudo na área da saúde, para evitar que os municípios menores sofram um colapso no atendimento [...]. A responsabilidade envolve municípios, Estado, União e usinas para que o impacto causado pela vinda dos migrantes não se transforme numa guerra absurda e politqueira que só vai contribuir para breçar o desenvolvimento econômico e social da região. (JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO, 2007).

Os editores do jornal Diário da Região explicitaram que é importante e oportuna a atitude dos prefeitos da região, conjuntamente com a Associação dos Municípios da Araraquarense, de “traçar um perfil dos migrantes que chegam às cidades da região durante o período de safra da cana-de-açúcar”, pois, como dizem, “trata-se de planejamento urbano”. Agindo dessa forma, é possível delinear a preocupação dos representantes políticos com seus projetos de governo nas respectivas cidades.

É interessante notar que as pequenas cidades da região vêm a necessidade de planejamento urbano, e priorizam a atuação de gestores e técnicos que, tidos como seus construtores, são colocados acima das tensões e disputas que as engendram e as constituem como espaço vivido.

Percebe-se, nas narrativas apontadas pelos prefeitos, a existência de uma recusa intransigente em aceitar que as cidades pequenas e aparentemente “harmônicas” da região produzem pobreza e exclusão e que, por conseguinte, gera, em alguns momentos, resistência e contestação por parte dos trabalhadores vindos de “fora”. Justificam os males urbanos como causados pelos migrantes, elementos vindos de fora, trazendo com eles o caos social. É interessante notarmos como estes administradores negam as práticas dos trabalhadores, tratando-as como atrasadas, inadequadas ou obstáculos ao progresso e ao desenvolvimento econômico das cidades.

Se por um lado, essa “explosão” demográfica esteve dentro dos planejamentos projetados pelos usineiros da região, que, afinal, precisavam contar com a mão-de-obra dessa “massa” de trabalhadores para realizarem as atividades no corte-de-cana, por outro, a presença de grupos tão variados e, em certo sentido independentes, passou a ameaçar a ordem social até então estabelecida das cidades “aparentemente” harmônicas da região.

Essa pode ser a principal razão pela qual esses trabalhadores “de fora” vem sendo alvo dos constantes planejamentos e ações empreendidas pelo poder público e empresarial. Essas questões podem ser notadas por diferentes segmentos da sociedade que procuram estabelecer limites ou formas “adequadas” para gerir esse crescimento demográfico de trabalhadores. Entre esses projetos, figuram estudos e ações assistencialistas, seja para custear as despesas para a terra natal, seja para mantê-los na cidade em que trabalham.

No Jornal Diário da Região:

O impacto social em face do despreparo das localidades em absorver esta mão-de-obra é o maior desafio. Pelo menos 5 mil do total de cortadores são migrantes nordestinos, um contingente maior do que muitas das cidades situadas no entorno catanduense. As cenas de imóveis sem nenhuma infraestrutura abarrotadas de cortadores de cana ainda são comuns. Mas a diretora social da Cerradinho, Silmara Fernandes Dias, acredita ser possível alterar este quadro. O primeiro passo, segundo ela, é dado quando se investe na família do trabalhador. “Nós aqui estamos tentando dar nossa contribuição e abrindo possibilidades”, disse. (JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO, 2008).

A questão, portanto, é perceber que os trabalhadores “de fora”, em sua maioria da região nordeste, vêm sendo apontados pela imprensa regional, empresariado e até mesmo pelo poder público como causadores da maior parte dos problemas sociais existentes nas cidades. Ao mesmo tempo em que interessa aos usineiros criarem esse exército de reserva de mão-de-obra, esse mesmo grupo de empresariados, conjuntamente com as administrações locais, resente a perda do controle desse processo social, razão pela qual buscam paralelamente criar mecanismos de disciplina, ordenamento, repressão e controle dessa população (GONZALEZ, 2005, p. 172).

Os trabalhadores na cidade...

A presença desses trabalhadores cortadores-de-cana em General Salgado redimensionou alguns espaços da cidade –, em igrejas, em centros de lazer, em bares, no comércio, na escola, campos de futebol, em complexos das associações da empresa Generalco.

O que esses trabalhadores cortadores-de-cana esperam da cidade? Como suas experiências interferem no modo de viver deles? E, principalmente, qual a ligação entre a trajetória de vida que possuem e o modo como vivem e constroem valores, ações e práticas?

Dessa forma, propomos que as ações e intervenções desses diferentes trabalhadores devam ser entendidas como atitudes geradas na luta entre classes sociais distintas, na qual a cidade aparece como palco central e, principalmente, como objeto dessa disputa.

Estes trabalhadores cortadores-de-cana continuam vindo para as cidades da região; disputam lugares e firmam sua presença nas cidades “em busca de melhores condições de vida e trabalho” (LAVERDI, 2006, p. 139).

Na tensão que permeia a mudança, ou permanência de modos de viver, esse movimentar dos trabalhadores cortadores-de-cana pela cidade prossegue. Diante disso,

destaca-se o crescente número de trabalhadores que se destinam às práticas de comércio nas ruas, nos espaços de sociabilidades como na escola, no forró e nas associações da empresa.

Euberli narrou essa relação de convívio e confronto entre ele e os moradores do local nos espaços de sociabilidade que ele frequenta.

Eu vou de vez em quando ali no forró, no salão lá do clube dançar, diverti um pouco, porque só trabalhar não da, né?! **Como que é lá dentro do salão? Com os moradores daqui?** Então, os daqui eles ficam olhando pra gente, fica com cara feia, pensa que gente vai namora as meninas daqui né, [...] As moças daqui não dança com a gente, é muito difícil, muito difícil mesmo! Eles ficam meio assim, que a gente vem de fora, e a alí na rua do centro você vê, que tem poucos da nossa turma, o pessoal fica mais em butequinho aí assim, vai num forró de música assim [...] Ali no buteco do “baiano” lota vai lá pra você ver? Então é assim! (ENTREVISTA: cortador-de-cana Euberli, 2009).

Um contato mais estreito com esses trabalhadores na cidade começa a revelar a existência de múltiplas formas de diversão, entretenimento e encontros através dos quais desfrutam o tempo livre: festas de casamento, almoços com colegas de trabalho, comemorações de aniversários, bailes, torneios e festivais de futebol de várzea, festas da igreja e quermesses. Euberli frequenta o bar do “baiano”, demonstrando que compartilham determinadas referências identitárias entre eles.

Essa constatação também indica que há correlação de forças desiguais nas relações de convivências na cidade. Elementos se associam à proposição de retirá-los, estendendo e legitimando a intervenção e interdição nas festas, no forró e dentre outros espaços

No baile, o trabalhador “de fora”, é logo (re)conhecido pela população local. Numa relação em comportamentos e falas, Euberli é identificado por sua maneira de falar, de se vestir e de dançar.

Em General Salgado é notável a segregação dos espaços na cidade. Essa dinâmica envolve disputas contínuas por territórios. Uma cartografia em construção que não é limitada aos conceitos supostamente definidores do viver a/na cidade, que são propalados em leis, códigos de postura, planejamentos de associação, fórum de saúde, de educação, construções de novos circuitos e demandas por serviços públicos. Os conflitos para que essa determinação de “limpeza e hostilidade” contra os “de fora” ocorra, são constantes, assim como as alternativas criadas pelos que vivem essas pressões multiplicam-se.

Estes trabalhadores vão constituindo-se na cidade e a cidade vai constituindo-se a partir de suas práticas. Euberli, Jacildo, Chicão e outros cortadores-de-cana, após chegarem do trabalho, frequentam o centro de lazer da Associação dos Funcionários da Generalco e Agroindústria Canavieira. As tardes no clube deixam a calma de lado para se

transformarem em palco de muita animação. Os trabalhadores organizam o Torneio de Futebol mais conhecido da região – Inter-Destilarias –, promovido pelo Sindicato do Alcool de Araçatuba, entre as usinas da região. Várias equipes participam do torneio que acontece todo ano em determinada cidade da região.

Euberli narrou sobre esse espaço no clube e confraternização que os trabalhadores têm entre eles.

Muitos cortadô gosta de jogar uma bolinha né, é maranhense, piauiense, paulista os daqui também vêm jogar com a gente, contra a gente, é todo mundo. Na hora de se divertir não tem rinha não, é todo mundo aqui! Depois gente fica alí no bar tomando uma cerveja, conversando, a vida da gente é essa aí. Porque, que nem eu te falei, só trabalhar não dá, tem que ter esses momentos, assim ó, de conversar com os amigos, rever um aqui outro ali, é bom, deixa a gente mais animado, gente já leva uma vida tão sofrida nesse corte aí, [...] **Eber: então, esses são os lugares que vocês se divertem aqui na cidade?** É, nós fica aqui, batendo uma bolinha e resenhando! (risadas). (ENTREVISTA: cortador-de-cana Euberli, 2009).

O passeio com a família e o encontro com os amigos são as atividades mais populares entre eles. As manifestações sobre o futebol foram apaixonadas. O futebol, além de ser popular, é parte integrante da paisagem da cidade. É só observar nos bairros os inúmeros campos de futebol improvisados. Ponto de encontro entre jovens e adultos cortadores-de-cana, o futebol é uma prática cultural compartilhada socialmente.

Euberli narrou que aprendeu a jogar bola na infância, e não consegue imaginar a vida sem praticar esse esporte. Para esses cortadores-de-cana, o enfrentamento de situações problemáticas vividas no trabalho, na família, entre eles e com os “do lugar”, desaparecem quando se inicia o jogo.

De um modo geral, é possível compreender que o jogo, os espaços de conversas nos bares após as partidas, além de ser uma distração, favorece o convívio com os amigos da turma do corte-de-cana, com os da cidade, e os outros de diferentes estados e regiões. Para melhor apreensão dos significados apresentados por Euberli, compreende-se que procura categorizar seus lazeres, favorecendo a classificação por convergências, proximidades e identificações entre eles.

Percebe-se que essa prática esportiva expressa relações sociais de convívios e confraternização estabelecidas na cidade de General Salgado. Na cidade os trabalhadores se movimentam e disputam o processo de constituição da paisagem e lugares, formulando aí seus territórios, procurando legitimá-los com suas práticas.

Do mundo da migração, ao mundo dos trabalhadores migrantes...

As experiências destes trabalhadores, entre o campo e a cidade, vislumbram um universo de disputas e táticas, de modos de viver, de trabalho e moradia. A partir das relações sociais vividas, os trabalhadores atribuem diferentes significados às transformações no campo e na cidade e se eles consideram, ou não, que fazem parte desses territórios.

Desta forma, estes trabalhadores vêem a cidade como uma construção itinerante que toma feições diferentes a cada novo espaço ocupado, seja nas atividades que transformam ou incorporam, seja sofrendo ações de seus moradores que, em contrapartida, respondem de forma desigual às necessidades e ao usufruto de seus espaços. Desse modo, procuramos não apenas ver esses trabalhadores cortadores-de-cana na cidade, mas entendê-los como parte constitutiva dela, firmando presença e disputando lugares.

De posse dessas perspectivas, o viver e fazer-se, nas trajetórias de vida destes trabalhadores cortadores-de-cana, abre-se como um espaço privilegiado para a percepção da construção da experiência social na complexidade da cultura. Recuperar as diferentes experiências destes cortadores-de-cana significa deixar claro que não existe apenas uma história e uma memória destes trabalhadores na conformação da cidade.

Estamos lidando com sujeitos históricos que, a partir de suas próprias trajetórias, estabelecem marcos diferenciados de memórias, e assim, imprimem outros significados, trazem outras histórias, completamente distintas e, por vezes, até mesmo contrastantes em relação àqueles já estabelecidos por meio de campos de memórias hegemônicas no que se refere ao trabalho e o viver na cidade, na contemporaneidade.

Referências

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas/São Paulo: UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000.

AVELINO, Yvone Dias. *Territórios de exclusão social: a cidade e a saúde pública (1889-1930)*. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. CD-ROM.

CARMO, Maria A. A. *Entre safras e sonhos: trabalhadores rurais do sertão da Bahia à lavoura cafeeira no cerrado mineiro*. Tese de Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

www.pucsp.br/revistacordis

ENTREVISTADOS: Euberli Ferreira Lopes, 31 anos, solteiro, nasceu na capital em São Paulo. Nelson Manoel dos Santos.

GONZALEZ, Emílio. Memórias que narram a cidade. Experiências sociais na constituição de Foz de Iguaçu. Dissertação de mestrado PUC/SP, 2005.

IBGE. Censo demográfico (ano de referência 2000). Disponível em: <www.cnm.or.br/demografia/mu_dem_pop_urbana.asp>. Acesso em: 11 nov. 2008.

JORNAL Diário da Região: São José do Rio Preto, exemplares publicados no período de 2000-2008.

JORNAL General Salgado. Exemplares publicados no período de 1980-1989.

LAVERDI, Robson. Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu. In: MACIEL, Laura A. et. al. (Orgs.). *Outras histórias, memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

REVISTA Visão Regional. General Salgado. Edição única em 1983.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. Região. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 8, 1986, p. 396-497.

* Eber Mariano Teixeira é mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Coordenador na Rede Municipal de Educação na cidade de Araras. E-mail: <ebermt@yahoo.com.br>.